

FORMAÇÃO DE ÁRBITROS DE FUTEBOL NO RIO GRANDE DO SUL (1960-1980)

Joseph Ribeiro Lopes¹

Bruno Peradotto Lamb²

Janice Zarpellon Mazo³

RESUMO

O primeiro curso de formação para árbitros de futebol atuarem em jogos oficiais no Rio Grande do Sul foi promovido pela Federação Rio-Grandense de Desportos (FRGD) no ano de 1958. O objetivo geral do estudo é investigar o processo de formação de árbitros de futebol pela FRGD/FRGF, que atuaram entre os anos de 1960 e 1980. a) Averiguar quem foram os árbitros de futebol que realizaram cursos de formação pela FRGD/FRGF; b) Conhecer as trajetórias dos árbitros de futebol formados nos cursos da FRGD/FRGF; c) Apresentar indícios sobre a atuação dos árbitros nos jogos de futebol entre os anos de 1960 e 1980. Para tanto, realizou-se entrevistas com árbitros de futebol e acessadas outras fontes históricas, as quais foram submetidas a análise documental. Os resultados apontaram que os árbitros de futebol se aproximaram da atividade de arbitragem por meio de alguma prática experienciada no esporte amador e nas categorias de base do futebol. A participação nos cursos de arbitragem oportunizou aos árbitros, que tinham distintos empregos, atuarem paralelamente em outro campo profissional.

Palavras-chave: Árbitro, Futebol, História do Esporte; História Oral; Memória Esportiva.

THE FORMATION OF FOOTBALL REFEREES IN RIO GRANDE DO SUL (1960-1980)

ABSTRACT

The first training course for football referees to officiate official matches in Rio Grande do Sul was organized by the Federação Rio-Grandense de Desportos (FRGD) in 1958. The general objective of this study is to investigate the referee training process conducted by the FRGD/FRGF for those who officiated between 1960 and 1980. The specific objectives are: a) To identify the football referees

¹ Mestre em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH), da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Formado em Licenciatura pela Universidade La Salle - Canoas. Árbitro da Federação Gaúcha de Futebol (FGF). E-mail: joseph.edfis@gmail.com

² Mestrando em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bacharel em Ciências Econômicas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: bruno.lamb@ymail.com

³ Doutorado em Ciências do Desporto pela Universidade do Porto, Portugal. Professora Titular da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: janice.mazo@ufrgs.br

who completed training courses offered by the FRGD/FRGF; b) To understand the career trajectories of football referees trained through the FRGD/FRGF courses; c) To present evidence regarding the referees' performance in football matches. To this end, interviews were conducted with football referees, and additional historical sources were accessed and subjected to document analysis. The results indicated that the referees became involved in officiating through prior experiences in amateur sports and youth categories. Participation in refereeing courses provided referees, who had other professions, with the opportunity to work simultaneously in another field.

Keywords: Referee; Football; Sports History; Oral History; Sports Memory.

FORMACIÓN DE ÁRBITROS DE FÚTBOL EN RIO GRANDE DO SUL (1960-1980)

RESUMEN

El primer curso de formación para árbitros de fútbol con el fin de actuar en partidos oficiales en Rio Grande do Sul fue promovido por la Federação Rio-Grandense de Desportos (FRGD) en 1958. El objetivo general del estudio es investigar el proceso de formación de árbitros de fútbol llevado a cabo por la FRGD/FRGF, que actuaron entre los años 1960 y 1980. Los objetivos específicos son: a) Averiguar quiénes fueron los árbitros de fútbol que realizaron cursos de formación ofrecidos por la FRGD/FRGF; b) Conocer las trayectorias de los árbitros de fútbol formados en los cursos de la FRGD/FRGF; c) Presentar indicios sobre la actuación de los árbitros en los partidos de fútbol. Para ello, se realizaron entrevistas con árbitros de fútbol y se consultaron otras fuentes, las cuales fueron sometidas a análisis documental. Los resultados señalaron que los árbitros se aproximaron a la actividad arbitral a partir de experiencias previas en el deporte amateur y en las categorías de base. La participación en los cursos de arbitraje brindó a los árbitros, que tenían otras profesiones, la oportunidad de actuar paralelamente en otro ámbito.

Palabras clave: Árbitro; Fútbol; Historia del Deporte; Historia Oral; Memoria Deportiva.

INTRODUÇÃO

No estado do Rio Grande do Sul, nas duas primeiras décadas do século XX, houve um incremento na fundação de clubes de futebol, principalmente nas cidades de Rio Grande, Pelotas, Santana do Livramento e Porto Alegre (Mazo, 2023). Devido à iniciativa de alguns clubes foi instituída a Federação Rio-Grandense de Desportos (FRGD) no dia 18 de maio de 1918, em Porto Alegre, capital do estado. A FRGD tinha como principal encargo organizar competições entre os clubes do Rio Grande do Sul, visto que já sucediam disputas em nível municipal no estado, designadas citadinas.

Nesta época, a arbitragem dos jogos de futebol era realizada comumente pelo capitão da equipe, por ex-jogador de futebol, um comerciante local respeitado ou uma autoridade com reconhecimento social (Ferla, 2018). Esta conformação no futebol perdurou por décadas e, somente, começou a ser modificada após a promulgação do Decreto-lei n. 3.199 em 1941 (Brasil, 1941). Dentre outras providências, o decreto instituiu o Conselho Nacional de Desportos (CND) destinado a orientar, fiscalizar e incentivar a prática esportiva no país.

Em decorrência da supracitada legislação, a FRGD passou a ser tutelada pelo CND e logo foi reestruturada, sendo dividida em algumas entidades específicas por modalidades esportivas, como foi o caso da Federação Rio-Grandense de Futebol (FRGF) para tratar especificamente do futebol. Nesta nova fase, a FRGF, hoje conhecida como Federação Gaúcha de Futebol (FGF), iniciou seu projeto de aperfeiçoamento do quadro de arbitragem de futebol no Rio Grande do Sul. Em 1948, a FRGF trouxe da Inglaterra árbitros de futebol a fim de transmitirem seus conhecimentos aqueles que atuavam como árbitros no Rio Grande do Sul (Correio do Povo, 1950). Além de sua experiência, os árbitros ingleses revolucionaram também a estética dos árbitros sul-rio-grandenses daquela época, pois, ao invés de vestir-se de branco e usar calças como era de costume nos jogos da FRGD, introduziram o fardamento composto por camisa preta, calção preto e meias brancas.

Transcorridos 10 anos da visita dos árbitros ingleses, em 1958, foi implementada a Escola de Árbitros de Futebol (EAF), departamento autônomo da FRGF vinculado diretamente a presidência da entidade, com a finalidade de formar, aperfeiçoar e padronizar a arbitragem no estado (Diário de Notícias, 1958). Neste mesmo ano, a EAF ofereceu o primeiro curso preparatório para árbitros de futebol atuarem em jogos oficiais, cuja formação foi concluída no ano seguinte, em 1959 (Diário de Notícias, 1959). Ao mesmo tempo houve a alteração do formato do Campeonato Gaúcho de Futebol, o qual não seria mais disputado pelos campeões regionais, mas sim reunindo os principais os clubes do estado. Esta mudança no cenário do futebol repercutiria na trajetória dos árbitros recém-formados pela EAF.

Nas décadas seguintes, outros cursos de formação para árbitros foram oferecidos pela FRGF atendendo, também, a demanda do Campeonato Gaúcho de Futebol. Nos anos 1980, o formato do Campeonato Gaúcho de Futebol foi novamente modificado, coincidindo com um período de mudanças nas regras do futebol. As alterações refletiram na atuação dos árbitros de futebol, que conquistaram mais reconhecimento social, afinal outras representações culturais foram construídas a partir do aprimoramento de sua atuação em jogos.

No entanto, a profissionalização da arbitragem no futebol não era regulamentada no Brasil no período, situação que permanece do mesmo modo até os dias atuais. Dentre as implicações, ressalta-se que os árbitros não têm salários fixos e nem garantia de direitos trabalhistas, recebendo pagamento, apenas, quando exercem a arbitragem, isto é, por partida apitada. Já se passaram mais de 65 anos que ocorreu a primeira formação institucionalizada de árbitros no estado e a sua atividade, ainda, não consta na lista das profissões regulamentadas no país.

Diante de tais informações, o objetivo geral deste estudo histórico é investigar o processo de formação de árbitros de futebol pela FRGD/FRGF, que atuaram entre os anos de 1960 e 1980. Os objetivos específicos são: a) Averiguar quem foram os árbitros de futebol que realizaram cursos de formação pela FRGD/FRGF; b) Conhecer as trajetórias dos árbitros de futebol formados nos cursos da FRGD/FRGF; c) Apresentar indícios sobre a atuação dos árbitros nos jogos de futebol entre os anos de 1960 e 1980.

MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa, com viés histórico-cultural (Pesavento, 2008), alicerçou-se, principalmente, em fontes orais e em matérias de jornais. Não foi possível acessar documentos da FGF devido ao fechamento temporário da entidade, situação semelhante à de outras instituições onde também se pretendia realizar a coleta de informações. Ressaltamos que, nos anos de 2020 e 2021, o agravamento da pandemia de Covid-19 dificultou significativamente a coleta de fontes históricas.

As fontes orais foram obtidas por meio da realização de entrevistas semiestruturadas com árbitros e filhos de árbitros (representando seus pais falecidos) que atuaram no período estabelecido pelo estudo, anos 1960 a 1980. Antecedendo as entrevistas, foi enviada ao presidente da Comissão Estadual de Árbitros de Futebol do Rio Grande do Sul (CEAF-RS), uma carta de apresentação a fim de termos sua anuênciaria para a realização das mesmas. As entrevistas foram previamente agendadas e cada sujeito entrevistado assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) enviado previamente e lido no dia da mesma.

Para a realização das entrevistas, elaboramos um roteiro com sete questões, além de um quadro de identificação para cada árbitro e filho de árbitro representante do pai. Os temas centrais das questões norteadoras das entrevistas foram a aproximação com a arbitragem no futebol, as trajetórias individuais no esporte e a atuação dos árbitros em jogos no período investigado. Foram entrevistados seis sujeitos vinculados a arbitragem, a saber: três árbitros que atuaram no período demarcado para a pesquisa; dois filhos de árbitros representando seus pais falecidos que atuaram no período da pesquisa; e, um árbitro que vivenciou a trajetória da arbitragem de futebol no Rio Grande do Sul.

O critério de inclusão dos entrevistados foi a atuação e/ou vivência com a arbitragem de futebol, entre as décadas de 1960 e 1980. Abaixo, segue, por ordem alfabética, o quadro com dados sobre os entrevistados.

Quadro 1 – Entrevistados para pesquisa

Nome do entrevistado	Vínculo do árbitro a FGF	Período de atuação do árbitro
Alexandre Barreto - (Filho do árbitro José Luis Barreto - falecido)	1962	1960/1980
Carlos Augusto Kruse	1981	1980/1990
Justimiano Gularde	1969	1960/1990
Luiz Roberto Guaranya (Filho do árbitro Luís Moura Guaranya - falecido).	1969	1960/1980
Silvio Rodrigues	1966	1960/1990
Zeno Escobar Barbosa	1965	1960/1990

Fonte: Elaborado pelos autores.

Na etapa de gravação das entrevistas, utilizamos distintas ferramentas tecnológicas de acordo com a acessibilidade que tivemos frente ao momento da pandemia de Covid-19. Dentre elas estão: aparelho celular para entrevista via contato telefônico; notebook para entrevista via vídeo conferência; um gravador digital de voz. As entrevistas gravadas em seguida foram transcritas e analisadas de acordo com a Análise Temática de Conteúdo proposta por Flick (2013).

No que diz respeito aos jornais, foram acessadas matérias que faziam parte do acervo pessoal dos entrevistados. Os jornais consultados foram o Correio do Povo (uma matéria), Diário de Notícias (cinco matérias), ambos de Porto Alegre, além do Diário da Tarde (uma matéria) de Curitiba/PR, os quais são datados entre os anos de 1950 até 1970. As sete matérias dos referidos jornais foram submetidas a técnica da análise documental com base nos preceitos de Le Goff (1990).

A seguir realizamos o confronto das informações obtidas por meio das entrevistas, das matérias de jornais e da literatura consultada acerca desta temática. Os resultados foram organizados em dois tópicos: a) Trajetórias de árbitros de futebol; b) Carreiras de árbitros de futebol.

TRAJETÓRIAS DE ÁRBITROS DE FUTEBOL

Escolher ser árbitro de futebol parece uma opção um tanto quanto equivocada, se ponderarmos sobre a pressão psicológica, social e midiática que envolve a arbitragem (Souza, 2016). Além disso, ser árbitro no tempo presente requer conciliar uma dupla ou tripla jornada de trabalho dentro e fora do campo de jogo, visto que muitos exercem outras profissões

paralelas à arbitragem (Boschilia e Marchi Junior, 2020). Tendo em vista que a arbitragem não é reconhecida como uma profissão no Brasil, os árbitros não a exercem como uma carreira formal, mas sim enquanto prestadores de serviço (Barreira, 2024).

Em estudo sobre a percepção do significado de arbitrar, com árbitros do quadro da Federação Internacional de Futebol (FIFA), Ferreira e Brandão (2012, p. 232), descrevem que a decisão pela escolha em atuar dentro das quatro linhas, é diretamente ligada a “fazer parte do show”. Conforme os autores (2012), a paixão pela modalidade, indica que a arbitragem e o futebol, geram, em si, emoções especiais, que conduzem a uma satisfação de determinados objetivos de vida e esportivos. Em relação aos fatores motivadores, Alves (2011) destaca a paixão pelo futebol, incentivo de pais e amigos e até mesmo o “gostar de fato da atividade”. Ao tratar da carreira de árbitros de futebol, Horn (2015) alude que diferentemente de outras profissões, a arbitragem não possui um período de experimentação na infância ou adolescência, admitindo um desenvolvimento específico para a atividade.

A proximidade e prática do futebol, foram as principais formas de escolha pela arbitragem citadas nas entrevistas com árbitros de futebol. Dos seis entrevistados (quatro árbitros e dois filhos de árbitros representando os pais falecidos), apenas um não teve experiência como jogador de futebol em categorias de base ou em jogos amadores. Nesse sentido, estar vinculado à alguma prática esportiva ou desenvolver suas competências, são fatores que contribuem para a aspiração de ser árbitro de futebol (Ferreira e Brandão, 2012). Ainda, segundo os autores (2012), a percepção de arbitrar vai ao encontro de superar limites, desafios, ir cada vez mais longe, estando preparado física e psicologicamente.

Se na grande maioria dos casos a paixão e a ligação com o futebol são fatores motivacionais para a arbitragem, podemos considerar o caso do árbitro Silvio Rodrigues como um exemplo à parte. Ao falar sobre o início de sua trajetória, conta que gostava de futebol, sentia prazer ao ver os jogos, mas que jogar para ele era apenas uma brincadeira sem compromisso. Silvio contou que fez o “curso de arbitragem sem querer na Federação, por intermédio de amigos meus” (Rodrigues, 2021, p. 1). Dois fatos foram destacados por Silvio com relação ao curso realizado em 1966. O primeiro foi que um dos ministrantes das aulas, o diretor da Escola de Árbitros, Ludendorfe Xavier, foi aluno do primeiro curso organizado pela FGRF em 1958. O segundo ponto foi a sua classificação em terceiro lugar no curso, atrás de Carlos Martins, árbitro sul-rio-grandense que pertenceu ao quadro da FIFA e que detém o recorde de arbitragem em clássicos “Grenal” totalizando 27 partidas.

Por outro lado, o árbitro Luís Moura Guaranya (falecido), antes de se tornar

profissional da arbitragem, foi atleta amador tanto no exército, quanto no esporte amador fora do meio militar, conforme relatou seu filho Luiz Roberto Guaranha. Em entrevista, mencionou que o pai foi “um grande esportista”, participando como militar em provas de atletismo, tiro, futebol e vôlei e, no esporte amador disputou várias modalidades, pois frequentava a Sociedade Amigos de Tramandaí (SAT), na cidade de Tramandaí/RS (Guaranha, 2021). Mesmo não fazendo parte de clubes de futebol profissional, o árbitro Luís Guaranha era conhecido por ser um bom jogador de futebol, passando a atuar em jogos dos times de árbitros da Associação Gaúcha de Árbitros (AGA), órgão antecessor ao Sindicato dos Árbitros de Futebol do Estado do Rio Grande do Sul (SAFERGS). Acerca da escolha de seu pai em se tornar árbitro, Luiz Roberto pondera que, para muitos, quando o esporte ou o futebol fecha uma porta, a arbitragem acaba abrindo outra, mantendo assim o vínculo ativo com o esporte como um todo. A respeito dos árbitros que não seguiram no esporte, Guaranha (2021, p. 4) afirma: “...eles eram bons de bola e o futebol não sorriu para eles, mas eles quiseram continuar no esporte e foram grandes árbitros”.

Tanto a não conquista de uma carreira como jogador profissional quanto a falta de oportunidades no futebol foram pontos comuns entre os árbitros entrevistados, sendo condições preponderantes para a aproximação com a arbitragem. Para o árbitro de futebol, assim como para os jogadores, há uma exigência de condicionamento físico e mental que aproxima as práticas, fazendo com que haja uma transição mais natural entre elas (Rolim, 2014). Exercer a função de árbitro de futebol, segundo o autor (2014) surge como uma oportunidade e um desejo de estar envolvido em um esporte de grande aceitação no Brasil e em outros países.

Zeno Barbosa, ao falar sobre o início de sua trajetória, relata que antes de se formar na escola de arbitragem, foi jogador de futebol amador no Bairro Tristeza, onde morava, na zona sul de Porto Alegre/RS. Zeno se considerava “Lateral direito muito ruim”, mas isto não impediu sua atuação como jogador em dois clubes rivais situados no Bairro Tristeza, o Bandeirantes e o Tristezense, onde neste último era morador vizinho do campo (Barbosa, 2021, p. 2). Segundo Zeno, “ter o futebol no corpo” é quase uma obrigação para quem quer atuar na arbitragem de futebol, pois este, para ele, foi o principal fator que contribuiu para sua escolha (Barbosa, 2021, p. 3). Zeno realizou o curso de arbitragem em 1965, o qual foi ministrado pelo professor Ludendorfe Xavier a pedido da FRGF com a finalidade de renovar o quadro de arbitragem da entidade. Neste curso formaram-se 68 árbitros de futebol, em sua grande maioria militares e com diploma de curso superior em Educação Física.

Cabe contextualizar que o curso de arbitragem foi realizado no ano seguinte a instalação do golpe militar, apoiado por parcela da população civil, instaurado no Brasil em 1964. Nota-se a presença marcante de militares em busca do curso de formação de árbitros. Nesse novo cenário político no Brasil é bem provável que o viés militarizado também atravessasse os cursos de formação de árbitros, entretanto, os entrevistados não mencionaram atributos relativos a essa conjuntura ou qualquer problema sobre a sua formação.

Agomar Martins, o primeiro árbitro FIFA do Rio Grande do Sul, conta que antes de iniciar sua carreira no exército e na arbitragem, foi atleta em categorias de base: “Quando garoto, joguei na várzea e comecei a apitar aí, eu jogava as partidas de fundo e apitava as preliminares. Joguei também nas categorias de base do [Grêmio Esportivo] Renner” (Martins, 2008, p. 4). Agomar falou que não era fácil ser árbitro de futebol naquela época, pois a FRGF convidava árbitros de fora do estado para arbitragem dos jogos estaduais. A dificuldade indica a disputa de espaço entre os experientes e os recém-formados nos cursos.

Outra história similar é a de José Luis Barreto (falecido), que do sonho de ser jogador de futebol acabou se tornando um árbitro de carreira exitosa. Alexandre Barreto, filho do árbitro José Barreto, em entrevista, contou que o sonho do pai sempre foi ser atleta profissional de futebol, contudo, as tarefas em casa para ajudar a mãe e os estudos, o impediram de seguir a carreira. Natural de Cachoeira do Sul/RS, José Barreto mudou-se para Porto Alegre ainda jovem, junto com três irmãs e sua mãe que, para garantir o sustento, engomava roupa e cozinhava para os militares. Ao chegar na capital Porto Alegre/RS, José Barreto tentou ser jogador de futebol nas categorias de base do Grêmio Esportivo Renner.

Conforme seu filho Alexandre Barreto, o principal motivo pelo qual José Barreto abdicou da carreira foi a falta de incentivo familiar para ser atleta de futebol profissional, mesmo assim buscou uma atividade que estivesse conectada de alguma forma com o meio esportivo. Este caminho, segundo Ferreira e Brandão (2012, p. 232), “aparece como uma possibilidade de estar envolvido com o futebol de uma maneira que não a de jogador ou treinador, e também uma forma de contribuir para a modalidade”. Os referidos autores (2012) destacam que, estar envolvido com o futebol significa participar na modalidade por apreciar e contribuir para o esporte, seja durante ou ao final da carreira, com cursos para novos árbitros, gestão de carreira e qualificação profissional.

Antes de se tornar árbitro, José Barreto passou em um concurso público, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde atuou por 32 anos no Instituto de Física. Diferentemente dos dias atuais, uma das exigências impostas pela FRGF para a

obtenção da certificação do curso de arbitragem, era que o então candidato tivesse um emprego ou uma remuneração fixa. José Barreto fez o curso de árbitros em 1962, logo ascendendo ao quadro principal da FRGF e da Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Em seus primeiros anos como árbitro de futebol, José Barreto organizava encontros e recebia grupos de árbitros em sua casa, onde sucederam as primeiras reuniões da AGA, a qual Barreto foi um dos fundadores e presidente, conforme relembrou seu filho Alexandre.

Uma das maiores dificuldades dos árbitros que atuam a nível nacional é a ausência no trabalho e a distância geográfica do estado do Rio Grande do Sul em relação a outros lugares. Além das escalas serem divulgadas com pouco tempo para organização e remanejo da jornada, o Rio Grande do Sul é distante do centro do esporte nacional, localizado na região sudeste, principalmente, nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. De acordo com Boschilia e Marchi Junior (2020) até os dias atuais grande parte dos jogos são realizados em outros estados, fazendo com que os árbitros viagem com antecedência. No entanto, para o árbitro e contador Justimiano Gularte, formado em Ciências Contábeis, as viagens não eram um problema. Justimiano tinha ligação com o futebol desde criança e iniciou sua carreira na arbitragem com 23 anos de idade. Conta que nunca pensou em ser árbitro de futebol, mas mudou de ideia ao ler um anúncio do curso de árbitros fixado dentro do ônibus e disse ao seu cunhado que o acompanhava: “eu vou fazer esse curso, vou fazer e vou ser árbitro de futebol” (Gularte, 2021, p. 7).

Em 1969, ao entrar pela primeira vez no curso da FRGF, Justimiano Gularte separeou-se com Ludendorfe Xavier, então professor e presidente da Escola de Árbitros, que havia sido seu professor no curso ginásial na escola do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC). Cabe esclarecer que de acordo com o Decreto-lei n. 4.244 de 9 de abril de 1942, o referido curso tinha duração de quatro anos, correspondente aos quatro anos finais do atual ensino fundamental. A concorrência para o curso de 1969 foi grande, pois inscreveram-se 150 candidatos, para disputar 60 vagas.

Em entrevista Justimiano Gularte contou que Ludendorfe Xavier foi seu maior incentivador, pois o chamou separadamente dos demais candidatos para dar um guia de arbitragem, além de reforçar a importância dos estudos, uma vez que a concorrência era praticamente de dois candidatos para uma vaga no curso. Após meses de estudo e preparação, Justimiano Gularte passou em terceiro lugar, graças, segundo ele, ao apoio do professor Ludendorfe Xavier. Inicialmente atuou na posição de árbitro central com aquela “ânsia de apitar e sair apitando”, logo em seu segundo ano passou a ser árbitro assistente, a pedido de

Agomar Martins (Gularte, 2021, p. 2). Diante desta situação, Justimiano Gularte colocou como meta que “deixaria de ser um árbitro regular, para ser um ótimo auxiliar” (Gularte, 2021, p. 3). A partir de então passou a se dedicar como árbitro assistente na FRGF, onde, em 1982, foi promovido ao quadro da Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Carlos Kruse foi o árbitro, entre os entrevistados, que iniciou sua aproximação com a arbitragem de forma mais tardia, aos 36 anos de idade. Kruse disse que seu esporte sempre foi o futebol, desde os 11 anos de idade e aos 18 anos, em 1962, foi campeão municipal e estadual juvenil pela equipe do clube Mauá de Porto Alegre/RS. Pouco tempo depois, conseguiu a oportunidade de jogar no Aimoré, clube localizado em São Leopoldo/RS, mas a distância entre as cidades e os baixos valores financeiros oferecidos aos jovens atletas, não o mantiveram no elenco. Ao rememorar sobre a oportunidade, Carlos Kruse discorre: “eles me pagavam um salário-mínimo e eu morava aqui na avenida Ceará [Porto Alegre] e pegar o ônibus todos os dias para São Leopoldo não ia dar. A coisa não evoluiu e aí eu não quis, mas eu joguei muito futebol, entendeu?” (Kruse, 2021, p. 6). Ao perceber que ser jogador profissional seria uma tarefa mais difícil, Carlos Kruse começou a observar e conversar com árbitros que atuavam no futebol amador e no ano de 1980 procurou a FRGF, nesta época nomeada FGF, para fazer o curso de árbitros de futebol, iniciando sua carreira no ano seguinte, em 1981, como árbitro assistente.

Neste tópico, tivemos a intenção de apresentar os resultados obtidos a respeito da aproximação dos árbitros de futebol com a atividade da arbitragem. Ao analisarmos os relatos, percebemos que a aproximação dos árbitros com o meio da arbitragem esteve ligada diretamente à prática futebol e, notamos que a arbitragem se constituiu em uma segunda via para seguir atuando no esporte. Neste sentido, a prática do futebol amador e em categorias de base, figuraram como primeiro estágio para se aproximarem da atividade, uma vez que, através destas experiências, os árbitros têm seus primeiros contatos com a arbitragem. Não houve generalização acerca dos motivos que os levaram a procurar o curso, pois cada árbitro teve sua trajetória, experienciando e percebendo seus momentos vividos de forma singular.

CARREIRAS DE ÁRBITROS DE FUTEBOL

As carreiras dos árbitros de futebol se desenvolveram de diferentes formas, tanto a nível regional quanto nacional. Após a conclusão do curso de arbitragem, um dos primeiros passos dos árbitros era a aproximação com a entidade representativa da categoria. Alguns deles, por já atuarem em jogos amadores, mantinham vínculo com entidades, principalmente

com a Associação Rio-Grandense de Árbitros (ARGA), a Associação Profissional de Árbitros de Porto Alegre (APAPA) e a AGA.

A ARGA se conforma ao final da década de 1950 com o intuito de buscar a representatividade dos árbitros de futebol no estado. Durante os primeiros anos, a ARGA atuou fortemente em prol da arbitragem, realizando cursos, treinamentos físicos e técnicos, bem como reuniões para tratar dos direitos dos árbitros. Neste mesmo período, foi instalada a APAPA a fim de representar “os árbitros de futebol, voleibol, cestobol e futebol de salão, nos torneios da cidade” (Diário de Notícias, 1961, p. 8). Na sequência foi fundada a AGA, última entidade antes da atual SAFERGS. Ao falar sobre o assunto, Zeno Barbosa, um dos fundadores da entidade, relatou que após reuniões na sede localizada na Rua Borges de Medeiros, no Bairro Centro de Porto Alegre/RS, a APAPA transformou-se em AGA.

No que tange ao jogo propriamente dito, nos tempos atuais, a equipe de arbitragem cerca-se de diversos recursos tecnológicos para atuar em uma partida, minimizando o impacto dos erros no resultado das partidas (Farias, 2021). Esta condição difere de forma significativa da arbitragem no futebol na década de 1960, a qual muitas vezes contava apenas com um árbitro e exigia coragem e imposição física. Nesta época, o futebol no Rio Grande do Sul, do amador ao profissional, continha características únicas, com jogadores truculentos e um jogo de chegada forte (Barboza, 2021, p. 11).

O futebol amador no Rio Grande Do Sul até os dias atuais, é caracterizado pela forte marcação do adversário, jogadas mais duras e jogadores viris. Assim, a narrativa de Zeno Barbosa, vai ao encontro do que elucida o estudo de Myskiw (2012), acerca do futebol amador na cidade de Porto Alegre. O referido autor (2012), ao tratar das partidas de futebol de várzea cita que “os erros de um jogador eram até mesmo aplaudidos, desde que fossem precedidos de uma ação de valentia, de garra, de insistência, de dureza ou de firmeza” (Myskiw, 2012, p. 335). Ainda, neste contexto, refere que, para ser levado a sério e reconhecido, o jogador deveria ser firme, forte, ríspido, incisivo na ação de comunicar, ou seja, tal como seu conteúdo mandava. Os jogos de futebol de atletas amadores eram os divisores de água para quem quisesse se manter na arbitragem, pois estes, segundo Zeno Barbosa, eram o “doutorado” dos árbitros, onde eles subiam ou largavam, e muitos, por não resistirem às pressões, acabaram desistindo (Barbosa, 2021, p. 10).

A escalação de árbitros para os jogos de amadores e profissionais era feita pelo Departamento de Árbitros da FRGF, e os jogos de amadores eram uma oportunidade para que os árbitros mostrassem seu potencial no início da carreira. Neste tempo, a ascensão

dependia exclusivamente de boas atuações, seja como árbitro ou assistente. Luiz Roberto Guaranha, filho do árbitro Luís Moura Guaranha, ressaltou em entrevista que, seu pai, poucos anos após iniciar a carreira em jogos amadores, ganhou a oportunidade de atuar em jogos das categorias de base, vindo a ser indicado ao quadro especial da FRGF e em seguida ao quadro nacional, ambos em um curto espaço de tempo.

Nos estudos de Martin (2017) e Correia (2019), que se referem aos árbitros do estado de Minas Gerais, os diretores de arbitragem são apresentados como personagens importantes no processo de formação e crescimento dos árbitros de futebol, pois são eles os responsáveis pelas escalas, indicações e promoções de carreira. Os autores supracitados (2017; 2019) asseveram que professores, diretores, assessores e presidentes do departamento de arbitragem, exercem importante papel no desenvolvimento dos árbitros, pois a eles é dada a responsabilidade de acompanhar o dia a dia dos profissionais, avaliando-os positiva ou negativamente. Segundo relato de Gularte (2021), essas autoridades eram responsáveis pelas escalas e indicações, acompanhando de perto, muitas vezes no próprio campo de jogo, as atuações dos árbitros em diversas partidas.

No caso dos árbitros entrevistados para este estudo, o personagem mais citado é Ludendorfe Xavier, que fora aluno no primeiro curso organizado pela FRGF e, após o início de sua carreira, exerceu outras funções na entidade ocupando a posição de professor do curso e diretor do Departamento de Arbitragem. Em relação as oportunidades dadas por Ludendorfe, Justimiano Gularte (2021, p. 7) rememora: “Nós éramos muito escalados para apitar os jogos e como ele era meu professor, me conhecia, me conheceu, ele pegou e me escalava”. Além desse, outro diretor à época, Nestor Ludwig, também teve sua parcela de contribuição destacada pelos entrevistados. Foi Nestor, segundo Justimiano, que formou uma das duplas de árbitros assistentes mais reconhecidas do estado, os “Gularte”. Justimiano Gularte e Hermínio Goulart, que atuaram por cinco anos consecutivos como uma dupla fixa nos quadros da FRGF, CBD e FIFA (Gularte, 2021, p. 4).

Nestor Ludwig, dedicava uma atenção especial aos árbitros assistentes, conta Carlos Kruse, que o encontrou caminhando na pista do Centro Estadual de Treinamento Esportivo (CETE). E, graças a esta conversa sobre arbitragem que estabeleceram durante a caminhada houve uma grande mudança em sua carreira, afirmou Carlos Kruse. Nestor disse para ele se tornar árbitro assistente ao invés de seguir atuando como árbitro central, pois assim, o escalaria em grandes jogos. Então, aos 41 anos de idade, Carlos Kruse, após hesitar na troca de função em um primeiro momento, pois acreditava que sua carreira como árbitro central

seria mais promissora, aceitou a sugestão de Nestor Ludwig. Kruse fala em tom de brincadeira sobre ter ido longe em sua carreira: “eu fui mesmo, fui para Quaraí, fui para São Gabriel, fui para Itaqui, só fui longe” (Kruse, 2021, p. 2).

Responsável pelas escalas da rodada, o Departamento de Árbitros divulgava, em um mural na sede da entidade, a lista daqueles que seriam designados aos jogos. Desta forma, a FRGF fazia com que os árbitros todos fossem até sua sede à tarde e a noite de sextas-feiras para saberem se seriam escalados ou não e, de tal modo promovia o encontro do quadro de arbitragem. O Departamento de Árbitros aproveitava a presença de grande parte de seus profissionais e fazia reuniões semanais com os árbitros, apontando os acertos, equívocos, discutindo lances e questões ligadas aos jogos. Caso houvesse profissionais escalados pela CBD/CBF, um fax era enviado pela entidade à FRGF, na quarta-feira, podendo ela se organizar com os árbitros que teria a disposição. Ao tomarem conhecimento da escala, os árbitros entravam em contato com seus auxiliares, que na época, eram locais, ou seja, residiam na região onde seria a partida.

Relembra suas atuações no Rio Grande do Sul, Zeno Barbosa destaca a relação que tinha com seus colegas do curso de arbitragem realizado no ano de 1965. Um deles, Roque José Gallas, foi responsável por arbitrar a inauguração do Estádio Beira-Rio, em uma partida entre o *Sport Club* Internacional e o *Sport Lisboa e Benfica* (SLB), de Portugal. O novo estádio, inaugurado em 6 de abril de 1969, fora construído para substituir o antigo Estádio dos Eucaliptos pertencente ao *Sport Club* Internacional. Além desse marco, Roque Gallas atuou como árbitro no jogo que marcou a inauguração do anel superior do Estádio Olímpico do Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegrense.

Ainda, sobre seus colegas do curso, Zeno Barbosa conta que a arbitragem do primeiro Grenal no Estádio Beira Rio, foi executada por Orion Satter de Melo, mais conhecido como o árbitro do Grenal da Pancadaria. Sorrindo ao falar, Zeno Barbosa recorda sobre o conflito sucedido no jogo: “Meu amigo particular, o Gainete, que era o goleiro do [Sport Club] Internacional, resolveu dar uma voadora e deu uma briga generalizada. Depois disso até nós ficamos rindo [...]”, disse Zeno (Barbosa, 2021, p. 5). Além desse episódio, comentou sobre fatos marcantes da sua trajetória: “Eu apitei o Grenal do primeiro turno, um a um, e depois eu apitei a decisão do campeonato de 1969 no Beira Rio” (Barbosa, 2021, p. 6). Ao final do ano de 1969, Zeno Barbosa pleiteava ser indicado ao quadro da FIFA, uma vez que o árbitro detentor da vaga, um mineiro, acabara de sair, ficando a vaga para o Rio Grande do Sul (Barbosa, 2021, p. 6). No entanto, o diretor de árbitros da FRGF, Nestor Ludwig, indicou

Agomar Martins para vaga, o qual foi árbitro do quadro internacional por 10 anos.

Agomar Martins, juntamente com José Barreto e José Cavalheiro, formavam o chamado trio ABC, Agomar, Barreto e Cavalheiro. O trio ABC foi destaque durante anos nos campeonatos estaduais, atuando nas principais e mais difíceis partidas. Apesar de Agomar ter sido o único árbitro FIFA entre o trio, ele destaca a qualidade dos companheiros de trabalho: “Barreto e o Cavalheiro eram bons árbitros. O Barreto foi um dos melhores que eu vi apitar, mas não teve a sorte que eu tive. [...] Por merecimento, ele merecia igual. Tinha uma elegância, um porte, era impressionante” (Martins, 2008, p. 5). Considerado um FIFA sem escudo por seus companheiros, José Barreto, ao longo da carreira, buscava ascender ao quadro internacional, contudo a política de indicações e número de vagas não permitiu que seu desejo se concretizasse. Sobre os anseios do pai, Alexandre Barreto relembra: “Antigamente eram dez árbitros no quadro da FIFA e não se mudava. Era um no Rio Grande do Sul, dois em São Paulo, dois no Rio, era tipo um cargo político” (Barreto, 2021, p. 12).

Luiz Roberto Guaranha (2021, p. 11), filho do árbitro Luís Moura Guaranha ao falar sobre o trio ABC, os classificou como “os top de linha” do estado. Contudo, em sua concepção, naquele tempo o Rio Grande do Sul tinha cinco, seis, sete árbitros de Grenal. Dentre estes, podemos citar Luís Moura Guaranha e Silvio Rodrigues, ambos árbitros que atuaram tanto pelo quadro regional e que ascenderam ao quadro nacional. Estes dois árbitros viveram situações distintas em 1969, ano em que os clubes indicavam quais árbitros atuariam no octogonal final e quais estariam a disposição para os próximos jogos (Diário de Notícias, 1969, p.6). Em uma reunião na sede da FRGF, representantes dos clubes da divisão principal se reuniram com a entidade para uma votação de quais profissionais seguiriam no torneio. Foi indicada uma lista de 24 nomes, dos quais, apenas 10 comporiam o quadro. Ao final da votação, Luís Moura Guaranha se manteve no quadro, pois empatou em votos com Roque Gallas, aumentando o número de 10 para 12 profissionais.

Indicado ao quadro da CBD em 1967, Silvio Rodrigues foi um dos árbitros que ficou de fora na reformulação do quadro da FRGF. Mesmo tendo uma boa relação com os clubes, Silvio Rodrigues não obteve votos suficientes para continuar nas competições do estado, então foi buscar novos espaços. Segundo o árbitro Silvio Rodrigues: “em 1970, os árbitros foram escolhidos para apitar a divisão principal do futebol gaúcho pelos clubes” (Rodrigues, 2021, p. 6). Neste ano, mudou-se para o Paraná, contratado pela Federação Paranaense de Futebol (FPF), onde atuou no campeonato estadual, arbitrando clássicos, por exemplo entre o Atlético e Coritiba, e os jogos finais do Campeonato Paranaense de Futebol (Diário da

Tarde, 1970). Ao término do campeonato do ano de 1970, Silvio Rodrigues foi eleito o melhor árbitro da competição, e retornou ao Rio Grande do Sul em 1971 com prestígio.

Ser árbitro do campeonato brasileiro ou das competições organizadas pela CBF, é um objetivo dos profissionais que procuram a arbitragem, contudo, nem todos têm a chance de chegar lá. Um dos principais fatores que induzem os árbitros a desistirem de suas carreiras é a falta de oportunidade de ascensão ao quadro nacional (Pereira, Aladashvile e Silva, 2006). Os autores (2006) também citam as questões políticas, atreladas a falta de critérios nas escalações, como motivos de abandono dos profissionais, fazendo com que fiquem à mercê dos interesses dos dirigentes. Todavia, de encontro ao exposto pelos autores (2006), os árbitros sul-rio-grandenses postos em foco neste estudo, tiveram rápidas transições entre o quadro regional e o nacional. A exemplo de Silvio Rodrigues, que fizera o curso em 1966 e foi indicado ao quadro nacional apenas um ano depois, os demais árbitros desta pesquisa também relataram rapidez em suas aproximações com a CBD/CBF.

Mesmo com a acelerada chegada ao quadro CBD/CBF, alguns fatores foram preponderantes para que os árbitros se mantivessem lá. Em seus discursos, consta que ter um emprego fixo ou uma atividade paralela foi fundamental para a continuidade nos jogos nacionais. Horn (2015) destaca que viver só da arbitragem não é algo tangível entre árbitros do Rio Grande do Sul, pois, como a profissão ainda não é regulamentada, ela se torna instável financeiramente. Entre as falas dos entrevistados, observamos militares, profissionais autônomos, representantes comerciais, funcionários públicos e privados. Ao trazer a importância de uma atividade paralela à arbitragem, Justimiano Gualarte conta que entrou na bolsa de valores quatro anos após a conclusão de seu curso e atuou na arbitragem de 1973 a 2015, totalizando 42 anos. Estar na bolsa de valores, para ele, era um plano seguro, pois as duas profissões eram bem distintas, conseguindo, assim, conciliar ambas de forma equilibrada (Gualarte, 2021, p. 2). Barbosa (2021, p. 11) corrobora ao afirmar que ter uma ocupação externa era quase uma obrigação para estar no quadro nacional.

Para além da arbitragem, as atividades paralelas ocupavam um papel de sustentação financeira em caso de afastamento ou até mesmo pela ausência nas escalas, mantendo as contas familiares e pessoais em dia. Funcionário público e com um bom salário à época, José Barreto tinha liberação para poder viajar pelo período que fosse preciso, principalmente quando alavancou sua carreira nacional.

As atividades paralelas, como ditas pelos árbitros entrevistados, facilitavam as saídas para as viagens pelo Brasil a serviço da CBD/CBF. Apontada por Boschilia e Marchi Junior

(2020) como uma das principais dificuldades em se manter na arbitragem, as viagens tiveram papel contrário, segundo as entrevistas coletadas. Ao analisarmos seus relatos, percebemos que as viagens eram consideradas a melhor parte da arbitragem. Estar em trânsito, poder passear, conhecer novos lugares, novos colegas de profissão e atuar em jogos de grande expressão estavam entre os aspectos mais positivos das viagens, algo considerado impagável.

No período em que o campeonato brasileiro continha um número maior de equipes participantes, os árbitros, consequentemente atuavam mais, “eram mais aproveitados”, segundo Luiz Roberto Guaranha (2021, p. 5), tendo maior chance de progredir na carreira, caso fossem bem avaliados. As viagens de dois, três, quatro e até cinco dias faziam parte da rotina dos árbitros que atuavam na competição. Normalmente publicadas previamente às escalas da FRGF/FGF, as designações dos árbitros se estendiam, em alguns casos, por até uma semana, quando em um formato chamado de triplicata, algo que nem todos os árbitros gostavam conforme exemplifica Barbosa (2021). Escalados em até três jogos na mesma semana, os profissionais viajavam por três estados diferentes, entre um final de semana e outro e, muitas vezes, o tempo dava apenas para conhecer o aeroporto, o hotel e o estádio.

Justimiano Gularde relata apenas pontos positivos a respeito das viagens que fizera; em sua opinião “isso sempre foi uma coisa saudável” (Gularde, 2021, p. 15). Para ele estar fora de casa, ter um hotel para descansar, em uma cidade diferente e poder aproveitar a companhia de colegas de outros estados, eram as coisas boas do campeonato nacional. Ao recordar de uma de suas viagens, Justimiano comenta sobre sua ida a São Paulo, onde fora recebido no aeroporto por José Assis de Aragão, árbitro da Federação Paulista de Futebol, que, ao invés de levá-lo ao hotel como de costume, o recepcionou em sua casa devido à amizade entre eles. Porém, mesmo tendo uma estreita relação com os demais árbitros do quadro nacional, estar entre os escalados, significava o mesmo que deixar de fora aqueles que, por hora, os recepcionavam nas viagens. E torcer para que os times do Grêmio e Internacional ficassem de fora dos jogos finais, também resultaria em um número maior de jogos, consequentemente mais viagens e um retorno financeiro maior. Justimiano completa, “quando não entrava Grêmio e Internacional, aí era nós, só gauchada, era jogo, jogo e jogo. O cara ficava entre Rio e São Paulo e nós íamos bastante” (Gularde, 2021, p. 16).

No que diz respeito a arbitrar jogos de equipes de fora do Rio Grande do Sul, diversas foram as histórias e casos contados ao longo das entrevistas. Situações envolvendo dirigentes, jogadores e treinadores foram recorrentes nos discursos dos árbitros. Um ponto interessante a ser destacado foi que, ao serem questionados sobre suas atuações em jogos do campeonato

nacional, as primeiras falas que vinham à tona, eram relacionadas a lances polêmicos envolvendo a arbitragem (Kruse, 2021, p. 10; Gularde, 2021, p. 3).

Um dos fatos mais marcantes da arbitragem do Rio Grande do Sul foi protagonizado por Agomar Martins. Primeiro árbitro FIFA do estado, era conhecido como o “Apito de Ouro do futebol gaúcho” (Diário de Notícias, 1966, p. 11). Popularmente conhecido como o “Rei do Futebol”, Édson Arantes do Nascimento, comumente chamado de Pelé, atuava pelo Santos/SP na década de 1960. Em um jogo entre Santos e Grêmio, válido pelo Torneio Roberto Gomes Pedrosa, o Robertão, Agomar Martins conta que Pelé estava “muito metido, querendo apitar o jogo”. O árbitro, em um determinado tempo de jogo lhe disse: “O senhor é o rei do futebol e eu sou o rei do apito. Dois reis não vão reinar aqui” (Martins, 2008, p. 5). Dito isto, o jogo voltou a transcorrer de forma tranquila, quando, alguns minutos mais tarde, ao retornar de um lance de escanteio, Pelé acertou seu adversário, sendo expulso do campo de jogo por Agomar.

Os lances polêmicos lembrados pelos árbitros, de certa forma, fazem com que eles sejam postos como personagens principais da partida, ganhando visibilidade e notoriedade perante a mídia esportiva. Martin (2017), alude que o árbitro, estando inserido em um esporte movido pela paixão, mesmo estando certo ou errado, estará envolvido nas polêmicas de uma partida. Com isso, são esses lances que tornam o árbitro, por um breve momento, a estrela do espetáculo, levando-os a estar no foco nas rodas de discussões esportivas. É importante salientarmos o quanto relevante é o resultado da partida para uma avaliação da equipe de arbitragem. Mesmo com lances polêmicos, a figura do árbitro é esquecida em uma vitória. Todavia, caso esta vitória não ocorra, o árbitro é posto em xeque, sendo esquecido o ser humano por trás da bandeira ou do apito (Martin, 2017).

Através deste tópico, foi possível evidenciar que as carreiras dos árbitros de futebol do Rio Grande do Sul, estiveram, inicialmente, ligadas às associações representativas da classe. Os jogos amadores, foram importantes para o amadurecimento e crescimento dentro do quadro da FRGF/FGF, atuando como um divisor de águas para aqueles que seguiriam em frente ou deixariam de lado a atividade. Os diretores de arbitragem, tiveram papel destacado sob os olhares dos árbitros entrevistados, sendo eles, os agentes transformadores nas carreiras dos profissionais em foco. Mudanças de função, escalas em jogos mais importantes e indicação ao quadro nacional e mundial, estiveram por conta dos diretores de arbitragem. A despeito de pertencerem ao mesmo quadro de árbitros, em um determinado período, alguns destes ganharam mais destaque e relevância, sendo que outros, acabaram por sair do estado a procura de novas oportunidades.

O quadro nacional, por sua vez, requeria dos árbitros outras demandas para que houvesse uma carreira sadia. Ter um emprego fixo ou uma atividade paralela, foi fundamental para que os profissionais pudessem atuar em diferentes regiões do Brasil. Como a arbitragem, desde então, não possui vínculo empregatício, ter uma base financeira estável, dava mais tranquilidade para que os árbitros viajassem para as partidas. Estas, por sua vez, teriam sido a parte mais gratificante da carreira, pois através das viagens conheceram outros estados do país, conviveram com colegas de distintas cidades e trabalharam em jogos de maior expressão a nível nacional. Contudo, por meio destes jogos, evidenciou-se que as memórias sobre as partidas, conectavam-se aos lances polêmicos que envolviam a equipe de arbitragem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo histórico sobre os árbitros de futebol no Rio Grande do Sul buscou, por meio da História Oral e fontes documentais, evidenciar quem foram os árbitros e como foi desenvolvida a sua atividade no período demarcado entre as décadas de 1960 e 1980. Ressalta-se que, na época, nem todos os árbitros tiveram as mesmas oportunidades, pois suas ascensões na carreira, não dependiam apenas de suas qualidades técnicas. Embora nas entrevistas as menções aos problemas enfrentados pelos árbitros foram raras, assim como em outras fontes consultadas, entendemos que o estudo apresentou esta limitação porque não elucidou as suas decepções e frustrações na carreira.

Sugere-se que futuros estudos expandam a quantidade de entrevistas e o marco temporal, investigando como sucedeu a formação e atuação de árbitros(as) em distintas fases da história da arbitragem no futebol no Rio Grande do Sul. Espera-se que as pesquisas contribuam com subsídios para reflexões acerca da relevância da regulamentação da profissão de árbitro. Ainda, se faz necessário ampliar as pesquisas mostrando como ocorreu a inserção de mulheres na arbitragem de jogos de futebol.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maicon Lemos. **A escolha de ser árbitro de futebol**. 2011. Monografia (Bacharelado em Educação Física) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC. Criciúma, 2011.

BARBOSA, Zeno Escobar. **Entrevista**. Entrevista cedida a Joseph Ribeiro Lopes. Porto Alegre, 27 out. de 2021. 44min47seg.

BARREIRA, Paulo. Comissão começa a discutir profissionalização de árbitros de futebol. **Senado Notícias**, Brasília, 19 set. 2024. Disponível em:
<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2024/09/19/comissao-comeca-a-discutir-profissionalizacao-de-arbitros-de-futebol>. Acesso em: 2 abr. 2025.

BARRETO, Alexandre Lourenço. **Entrevista**. Entrevista cedida a Joseph Ribeiro Lopes. Porto Alegre, 21 jan. de 2021. 29min05seg.

BOSCHILIA, Bruno; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Para ser “juiz de futebol”: o processo de formação dos árbitros no Brasil. **Revista da ALESDE**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 155-173, 2020. DOI: 10.5380/jlasss.v12i2.76832. Disponível em:
<https://revistas.ufpr.br/alesde/article/view/76832>. Acesso em: 15 mar. 2025.

BRASIL. Decreto n.º 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, Seção 1, p. 000.

CORREIA, Jones Mendes; LIMA, Fernando Godinho. RIGO, Luiz Carlos. Contextos e organização do futebol em Rio Grande (1900-1916): histórias sobre amistosos, torneios, fundação de ligas e os primeiros campeonatos municipais. **Revista Didática Sistêmica**. Rio Grande, v. 16, n. 1, p. 120-135, 2014.

CORREIO DO POVO. **Correio do Povo**. Porto Alegre, p. 19, 16 abr. 1950.

DIÁRIO DA TARDE. **Diário da tarde**. Curitiba, p. 6, 2 mai. 1970.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Diário de notícias**. Porto Alegre, p. 11, 27 jun. 1958.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Diário de notícias**. Porto Alegre, p. 03, 09 ago. 1959.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Diário de notícias**. Porto Alegre, p. 8, 28 mar. 1961.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Diário de notícias**. Porto Alegre, p. 11, 01 jul. 1966.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Diário de notícias**. Porto Alegre, p. 6, 31 mai. 1969.

FARIAS, Anderson da Silveira. **Processo de amadurecimento de uso do var no futebol brasileiro: perspectiva da equipe de arbitragem**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, UFRGS, Porto Alegre, 2021.

FERREIRA Rodrigo D’Alonso; BRANDÃO, Maria Regina Ferreira. O árbitro brasileiro de futebol profissional: percepção do significado de arbitrar. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 23, nº 2, p. 229-238, 2. trim. 2012.

FERLA, Marcelo. **100 anos da Federação Gaúcha de Futebol: a história**. Porto Alegre: 2018.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.

GUARANHA, Luiz Roberto Porto. **Entrevista**. Entrevista cedida a Joseph Ribeiro Lopes. Porto Alegre, 19 out. de 2021. 35min.

GULARTE, Justimiano. **Entrevista**. Entrevista cedida a Joseph Ribeiro Lopes. Porto Alegre, 27 out. de 2021. 1h17min38seg.

HORN, Lucas Guimarães Hachatiko. **Além dos 90 minutos: A trajetória da carreira do Árbitro de Futebol**. 2015. Monografia (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2015.

KRUSE, Carlos Augusto. **Entrevista**. Entrevista cedida a Joseph Ribeiro Lopes. Porto Alegre, 22 out. de 2021. 50min32seg.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

MARTIN, Lucas Ferreira. **A figura do árbitro de futebol no Brasil: um livro-reportagem sobre a arbitragem de futebol desde a formação até a atuação em jogos profissionais**. 2017. 106 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologias, Comunicação e Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2017.192>

MARTINS, Agomar. **Entrevista**. Entrevistado por SAFERGS. Porto Alegre: Marca da Cal, mai. 2008.

MAZO, Janice Zarpellon (Org.). **Associações esportivas no Rio Grande do Sul: lugares e memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, 2023.

PEREIRA, Adilson José; ALADASHVILE, Gocha Anzorovichi; SILVA, Alberto Inácio da. Causas que levam alguns árbitros a desistirem da carreira de árbitro profissional.

Revista da Educação Física/UEM. Maringá, v. 17, n. 2, pág. 185-192, 2 sem. 2006.

PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. 2. ed. 1. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RODRIGUES, Silvio. **Entrevista**. Entrevista cedida a Joseph Ribeiro Lopes. Porto Alegre, 20 out. de 2021. 32min21seg.

SOUZA, Marta Aparecida Magalhães de. Um olhar para os árbitros de futebol. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 6, nº 1, p. 121-132, janeiro/junho 2016.

ROLIM, Raphael Moura. **O escolher “ser” árbitro de futebol e a motivação para prática sob o olhar da psicologia do esporte: investigação centrada a tecnologia do google™ docs**. 2014. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2014.